

Resenha Bibliográfica 2

MARIS, Bernard. *Des Économistes Au-dessus de Tout Soupçon, ou la Grande Mascarade des Prédications*. Paris, Albin Michel, 1990.

DIVA BENEVIDES PINHO

A economia política está no centro dos interesses da população em geral. Tudo que diz respeito a problemas econômicos vende-se muito bem; as revistas especializadas multiplicam-se, os hebdomadários dedicam-lhe páginas coloridas e os jornais publicam suplementos especiais. E o número de estudantes de Faculdades de Economia aumenta cada vez mais... Mas, sem dúvida, afirma Bernard Maris, no livro *Des économistes au-dessus de tout soupçon, ou la grande mascarade des prédictions* (Paris, Albin Michel, 1990), o melhor presente de um economista a seus leitores seria não escrever livro, a não ser para oferecer à verdadeira economia um abono, um voto ou um breve momento de riso e de distensão.

O economista do fim do século XIX tem o mesmo *status* do médico do século XVII: é um pré-cientista. Os salões revelaram perfumados fisiocratas, "os novos economistas" inofensivos mas tagarelas, com seus dados e análises do custo das coisas e da vida. E, mais tarde, as previsões econômicas continuaram grotescas. E o mais engraçado é a utilização do erro econômico como caução da incompetência política. Ninguém previu o primeiro choque do petróleo, nem o segundo, nem a crise, nem o *crack*, nem a retomada... Mas tudo isto serve para justificar a eternidade do antecessor, a carência dos governos sucessivos. E se não for a falha do predecessor, a desculpa é a "guerra econômica"... afirma Maris.

A autora é Professora Titular do Departamento de Economia da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, pesquisadora da FIPE e membro do CESA (Centro de Estudos de Sociologia da Arte).

Critica, em seguida, o genial inventor dos dados estatísticos *a posteriori*: quando se lhe diz que a inflação é de tanto por cento, ele corrige alguns centésimos e acrescenta com um sorriso cínico: "É claro, nós sabemos" Então, Maris reitera sua crítica: em cifras, o mal já não existe mais; pouco importa que arruine certas categorias e enriqueça outras, a cifra é o início da cura, tal como a febre que não nos liquidou.

Em seguida, Maris fala a respeito do monetismo do mercado, o novo culto exacerbado, a monetização contagiosa, a unificação, a redução, a homogeneização dos homens e das coisas. E diz: não se pode imaginar princípio mais totalitário, mais antiliberal que o mercado; é o pior inimigo da diferença e da diversidade: todos são mensuráveis, computáveis, comparáveis. Tudo passa pelo mercado, até as relações homens-mulheres ou homens-crianças. Ironiza, então: apenas as relações homens-gatos escapam ainda do mercado, até que esses pobres animais possuam cartas de crédito "Ronron"...

Esse monetismo é o drama da economia moderna sujeita à única lei conhecida desde Adam Smith: a lei da oferta e da procura. Quando se pergunta - o que há de novo? Friedman responde - "Adam Smith" Não se trata de "bondade": ele pensa assim e com isso se contenta. Maris concorda e afirma que o minúsculo progresso no pós-guerra é a descoberta do conceito de desequilíbrio de Malinvaud, nas *Lições sobre a Teoria do Desemprego*.

Então, atualmente, todos podem opinar sobre economia política porque o mercado, a oferta e a procura representam o bom senso..., observa Maris. A especulação eletrônica que se distancia da economia real, os jovens que querem ganhar muito depressa, os que tomam o lugar dos outros, aqueles que trabalham pouco, o excesso de impostos, os funcionários parasitas... Tudo isso é explicado pelo bom senso econômico...

Mais adiante Maris continua ironizando: a sociedade é bem semelhante ao corpo humano, na opinião tanto de um ministro como do zelador de um prédio. A inflação é um câncer que corrói a saúde do frágil corpo social. Mas por que a biologia, a medicina, a informática, ou as outras ciências não invadiram o discurso político? Por que deixaram o espaço para o discurso econômico? Para Maris, há duas explicações: uma, é a retórica da estatística e dos dados, que é neutra, objetiva, sem emoção, imparcial; outra, é a patinação da economia em um estágio pré-científico, imaginário, raramente comprovado - salvo sob a forma embrionária da contabilidade (daí, o sucesso contábil de Keynes...). Mas, ao

contrário do médico sobre quem eventualmente se irá reclamar no Judiciário, o economista não tem que provar nada, e a "acumulação" de seus fracassos não o enfraquece.

Maris enfatiza que a análise de custos-benefícios da economia moderna é a nova base da política: todo problema moral, sexual, ético, amoroso... apresenta sempre um aspecto custo-benefício...

Mais adiante Maris critica o peso dos dados que invadem a economia, triunfando o homem-média: assim, por exemplo, na França a vida média do homem é de 70 anos e da mulher 77 anos, o casal tem 1,8 filhos e uma propensão a poupar de 11%, mas o desejável é 2,5 filhos e 3% de crescimento do PIB ao invés de 1,5%...

Espírito provocador, Maris continua ironizando nos onze capítulos após suas colocações iniciais em "Quoi de Neuf?" Reiteradamente pergunta se se deve lamentar ou rir dos economistas, dos econometristas, das "importantes" publicações e intuições internacionais de economia e do "esperanto econômico" E não deixa passar qualquer oportunidade para comparar os economistas a charlatões, que tratam da ciência do inútil, mas que impressionam pelo mágico arsenal de teorias e enganosas previsões, de falso rigor estatístico.

Relativamente ao Terceiro Mundo, Maris critica seus economistas que, nos anos 50/60, adotaram a prática da doutrina da substituição das importações (IS), que consiste em fechar as fronteiras de um país aos bens manufaturados e substituí-los por produtos de indústrias nacionais. Na América Latina a liderança coube ao argentino Raul Prebisch, cuja influência pode ser comparável à de Keynes na Europa. Mas em todo o Terceiro Mundo o modelo I-S foi aceito, apesar de catastrófico: depois de saturar diversas gerações estudantis de teoremas e de modelos, o presidente da Comissão de Redação da revista *Tiers Monde*, Grellet, proclamou o "fim dos modelos" evocando as toneladas de inépcias e de erros acumulados durante quarenta anos - na América Latina, na África, no Egito, no Irã etc.

Maris conclui amargamente: os especialistas ficaram atemorizados com sua responsabilidade nos casos de más conseqüências? Nem um pouco! E uma nova categoria de especialistas e de gurus prolifera com a rapidez de uma epidemia: são os *experts* em reabilitação, os recém-nascidos da ciência do oráculo...

Conclusão: Trata-se de obra contundente, que exagera nas críticas e colocações. Mas, sem dúvida, oferece material de reflexão aos economistas sobre o papel nem sempre positivo da previsão econômica e suas conseqüências sobre as atividades dos indivíduos e sobre a economia nacional e internacional.